



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE GEOGRAFIA - LICENCIATURA**

SHEILA RIBEIRO XAVIER

**A FESTA DE SÃO DOMINGOS NA COMUNIDADE PINHEIRÓPOLIS EMPORTO
NACIONAL, TOCANTINS**

**PORTO NACIONAL – TO
2019**

SHEILA RIBEIRO XAVIER

A FESTA DE SÃO DOMINGOS NA COMUNIDADE PINHEIRÓPOLISEM PORTO NACIONAL, TOCANTINS

Artigo apresentado ao curso de Geografia da UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura, aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Valdir Aquino Zitzke

**PORTO NACIONAL TO
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- X3f Xavier, Sheila Ribeiro .
A festa de são domingos na comunidade Pinheirópolis em Porto Nacional,
Tocantins. / Sheila Ribeiro Xavier. – Porto Nacional, TO, 2019.
20 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Porto Nacional - Curso de Geografia, 2019.
Orientador: Valdir Aquino Zitzke
1. Geografia Cultural. 2. Geografia da Religião. 3. Festas Populares
Católicas. 4. Cultura. I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SHEILA RIBEIRO XAVIER

A FESTA DE SÃO DOMINGOS NA COMUNIDADE PINHEIRÓPOLISEM PORTO NACIONAL, TOCANTINS

Artigo apresentado ao curso de Geografia da UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura, aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Valdir Aquino Zitzke

Data de aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora:

Prof. Valdir Aquino Zitzke- UFT
Orientador

Profa. Dra. Vera Lúcia Aires Gomes da Silva
Examinadora

Profa. Dra. Thereza Christina Costa Medeiros
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Esta fase da minha vida é muito especial e não posso deixar de agradecer a Deus por toda força, ânimo e coragem que me ofereceu para ter alcançado minha meta.

À Universidade quero deixar uma palavra de gratidão por ter me recebido de braços abertos e com todas as condições que me proporcionaram dias de aprendizagem muito ricos.

Aos professores reconheço um esforço gigante com muita paciência e sabedoria. Foram eles que me deram recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais todos os dias.

É claro que não posso esquecer da minha mãe Braulina Ribeiro Dias meu pai Irineu Araújo Dias meus irmãos Poliane Ribeiro Dias, Iris Ribeiro Dias e Irismar Ribeiro Dias e amigos em especial Delma Turíbio, Silvani Pereira, Flavia Lustosa, Lorrane Cristina, Janainna Carvalho, Katiane Lemos e Deblan Hayrra, porque foram vocês que me incentivaram e inspiraram através de gestos e palavras a superar todas as dificuldades.

A todas as pessoas que de uma alguma forma me ajudaram e acreditaram em mim eu quero deixar um agradecimento eterno, porque sem vocês não teria sido possível.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar A festa de São Domingos na Comunidade Pinheirópolis, em Porto Nacional, Tocantins, na perspectiva da geografia cultural. Como procedimentos metodológicos, optamos por uma revisão sobre a temática das festas populares católicas e da geografia cultural e da religião e entrevistas com pessoas da comunidade, além de observação participante. Concluímos que quando o controle da festa saiu das mãos da comunidade e foi para os cuidados da igreja, o interesse dos moradores na participação dos preparativos da festa diminuiu, e quando não se sentiram pertencentes e envolvidas como sujeitos da festa, sentiram diminuída sua importância para a igreja, fato que pode ter contribuído para o desinteresse e na própria religião, levando muitas pessoas para uma mudança de credo.

Palavras chaves: Geografia Cultural. Geografia da Religião. Festas Populares Católicas.

ABSTRACT

This article aims to analyze The Feast of Santo Domingo in the Pinheirópolis Community, in Porto Nacional, Tocantins, in the perspective of cultural geography. As methodological procedures, we opted for a review on the theme of popular Catholic festivals and cultural geography and religion and interviews with people from the community, as well as participant observation. We concluded that when control of the feast went out of the hands of the community and went to the care of the church, the interest of the residents in participating in the preparations for the feast diminished, and when they did not feel they belonged and were involved as subjects of the feast, the church, a fact that may have contributed to disinterest and in religion itself, leading many people to a change of creed.

Keywords: Cultural Geography. Geography of Religion. Popular parties Catholics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Caracterização da área de estudo.....	9
2 CULTURA E GEOGRAFIA CULTURAL	11
2.1 A geografia cultural e as festas religiosas	12
3 O SAGRADO SIMBÓLICO: UM CAMPO INVESTIGATIVO EM DISCUSSÃO.....	14
3.1 A Festa de São Domingos	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS.....	20

1 INTRODUÇÃO

O tema foi escolhido devido ao fato de ser uma festa muito conhecida localmente, com muita participação popular, contendo um apelo cultural e religioso motivadores para construir um olhar geográfico e cultural sobre os aspectos religiosos e culturais desta festa, no município de Porto Nacional, estado do Tocantins.

No Brasil, o estudo da religião ainda é recente, por isso tem muito que ser estudado, visto que a religião faz parte integrante do espaço geográfico e social. Apesar de a religião incorporar-se na geografia e nos estudos em peregrinações e santuários é um tema atual e pertinente para ser explorado pela geografia, uma vez que pouco estudado.

Vemos que a religião afeta diretamente a geografia, devido a certas manifestações, como peregrinações, romarias, festas e curas espirituais, tendo ela como um ciclo de manifestação social, cujo o poder faz as pessoas se voltarem para uma determinada religião procurando proteção espiritual. Neste sentido a geografia da religião estuda a ocupação espacial das manifestações religiosas e os aspectos geográficos locais.

Estabelecemos como objetivo geral analisar a festa de São Domingos em Porto Nacional na perspectiva da geografia das religiões e definimos como procedimentos metodológicos: uma revisão bibliográfica sobre a temática geral e específica; uma organização de imagens e fotografias; a observação direta através de trabalho de campo e entrevistas com participantes dos festejos.

1.1 Caracterização da área de estudo

O povoado de Pinheirópolis foi impactado pela construção da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães – UHE e remanejado pelo consórcio INVESTCO, a dezoito anos, estando hoje situado às margens da TO 255, a 5 km de Porto Nacional.

Segundo relatos de moradores, o povoado de Pinheirópolis era parte da fazenda Presídio, conhecida também como Gorgulho, propriedade do senhor Alberto Pinheiro de Lemos, mais conhecido pelos moradores da região como Rosário Pinheiro e de sua esposa a senhora Luzia Lima Pinheiro.

Os primeiros moradores de Pinheirópolis foram os comerciantes Chico Pinheiro e Aureliano, depois vieram com suas famílias, o senhor Izídio, Dona Maria José, Belarmino e João Casa Velha, que era rezador e curandeiro.

Segundo relato de moradores o povoado era ponto de pouso para viajantes e tropeiros de várias regiões, que comercializavam seus produtos agropecuários e adquiria os produtos industrializados de Porto Nacional, como: querosene, tecidos, sal, machado, enxada, foice, e vários outros produtos. Fato este que despertou o interesse de famílias para montar residência no local. Pinheirópolis é um distrito da cidade de Porto Nacional, no estado do Tocantins, foi registrado no

cartório de imóveis no dia 08 de dezembro de 1959, por Rosário Pinheiro.

Pinheirópolis ficava situado à margem esquerda do rio Tocantins, distante 12k/m de Porto Nacional. Com a construção da Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães-UHE, situada no município de Lajeado, a comunidade teve que ser deslocada 8 k/m de seu local de origem e hoje se situa a margem direita da TO 255 no trevo que vai para o município de Brejinho de Nazaré, a imagem abaixo nos mostra onde se situava o Pinheirópolis e onde se situa a NovaPinheirópolis.

Figura 1: Localização de Pinheirópolis e Nova Pinheirópolis



Fonte: Imagens retiradas do Google Maps dia 08/10/2018

2 CULTURA E GEOGRAFIA CULTURAL

No final do século XIX e início do século XX a Geografia europeia já se ocupava da extensão cultural da sociedade. O foco central do interesse dos geógrafos europeus, naquele período, estava centrado no resultado da ação humana na paisagem natural. Era essa alteração que produzia cultura, caracterizada por um gênero de vida, resultante das relações de um determinado grupo humano e a natureza. Nos Estados Unidos a Geografia Cultural ganhou identidade através dos trabalhos de Carl Sauer e seus discípulos.

A partir do final da década de 1970 e na década de 1980, a Geografia sob a abordagem cultural inicia um processo de renovação, quando sofre diversas influências. Entre essas influências, contam-se, além da “tradição saueriana e do legado vidaliano (...) a influência das filosofias do significado, especialmente da fenomenologia, e do denominado materialismo cultural de Raymond Williams” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003).

A partir da década de 1980, aborda-se, na Geografia, a dialética das relações que ocorrem no espaço, as relações com o meio ambiente e com o papel das paisagens. Esta Geografia é a Geografia Cultural. Na realidade, não existe uma Geografia Cultural. O que existe é uma visão geográfica de mundo sob o enfoque da cultura. Não é fácil definir cultura, visto ter inúmeros significados em diversos contextos, inseridos em diferentes territórios.

O conceito de cultura mais aceito pela Geografia é o da Antropologia Cultural, pois esta reconhece que os seres humanos vivem num mundo que foi construído por eles mesmos e nele encontram significado. A cultura é constituída pelo mundo cotidiano vivido por todos nós e onde todos nos movimentamos, relacionando-nos entre nós e com o entorno. Este mundo vivido acontece num território, cujas territorialidades se definem pelas diferenças culturais e onde o poder se manifesta. Os grupos humanos possuem símbolos, língua, costumes, religião, crenças que os distinguem uns dos outros.

Normalmente, cada grupo com características culturais diferentes dos outros, habita um território contínuo com suas diversas territorialidades onde o poder é exercido, onde seu mundo é vivido, percebido e concebido. Essas diferenças é que constituem a cultura, que se manifestam através de uma linguagem verbal, com suas músicas, língua, mitos, lendas, crenças, e não verbal, com seus símbolos, ícones e índices.

A cultura, mais do que isso, é o resultado da capacidade que os seres humanos têm de se comunicar entre si por meio de símbolos (WAGNER; MIKESELL, 2003). Estes símbolos são representações de suas crenças, superstições, usos, costumes, língua, religião, que faz com que as pessoas de determinado grupo entabulem conversas, criem modos de vida, construam suas casas, seus jardins, suas estradas, suas lavouras, suas cidades, suas indústrias, seu cotidiano.

2.1 A geografia cultural e as festas religiosas

As festas religiosas são relevantes aos estudos da geografia cultural, por serem produzidas e produtoras de uma rede de significados que manifesta os sentidos da própria cultura, pois segundo afirma Almeida (2009, p.259),

“Desde o início da década de 1990, os estudos com abordagem na geografia cultural têm sido fecundos com as representações de “outros” lugares e paisagens. Sem dúvida, são ricos e desafiadores os cenários futuros para aqueles que estão investigando os mundos culturais”.

Esses mundos culturais são construções simbólicas. E quem atribui diretamente os sentidos e os significados são as pessoas que deles participam como fiel, devoto, visitante, organizador entre outros. Na visão da geografia cultural a festa promove a reconstrução de ‘outros’ espaços e tempos, os festivos, que são carregados de significados e de sentidos contrários aos tempos do cotidiano.

Para Almeida (2008, p.44), a compreensão desse campo interpretativo da geografia cultural na atualidade permite “discutir de forma mais ampla as maneiras como os artefatos materiais são apropriados e como os seus significados transformados”. Essa percepção confirma a importância da análise da ordem simbólica das manifestações, uma vez que essas dão sentidos ao lugar por meio de um sistema de linguagem estabelecido pelos signos produzidos e estes se traduzem em símbolos territoriais de pertencimentos.

A dimensão constituída pelo sentimento de pertencimento constrói uma liga que se dá territorialmente, criando uma identidade territorial e se torna, para a geografia, um campo específico de análise, o qual é produzido pela festa, pelo habitante e o lugar, por meio dos símbolos territoriais (DI MEÓ, 2001).

As festas religiosas como produtoras de símbolos territoriais se apresentam com uma ordenação rígida controlada pelo grupo religioso que a propõe e marca, simbolicamente, a presença muito viva de uma hierarquia em nome do sagrado.

Para o caso brasileiro, em determinados contextos históricos, as festas religiosas católicas possibilitaram marcas identitárias que se institucionalizaram a partir do governo português e da Igreja no período Colonial. Temos como exemplo o culto aos santos padroeiros como uma das principais marcas de vínculos territoriais que, em sua estrutura e diretriz conseguiram garantir um calendário anual de festividades de santos interligando praticas auríferas, pastoris e agrárias (D’ABADIA, 2010).

A autora explica que essa condição foi expressa na fundação das vilas e arraiais que nasceram protegidos pelos inúmeros santos católicos. Muitas cidades tiveram suas denominações ligadas ao padroeiro, algumas modificando de nome, outras perpetuadas até hoje com essas designações.

Pela especificidade e pelo isolamento de outras influências culturais em função da distancia, as festas religiosas católicas em Goiás e, especialmente, no norte goiano, confirmam o quanto a

formação cultural do povo foi relevante para o surgimento e manutenção destas festividades (D'ABADIA, 2010), a exemplo da Festa de Nossa Senhora das Mercês, objeto deste estudo.

Nas festas religiosas católicas dos municípios brasileiros observa-se a explicitação efetiva da fé e da devoção, criando um clima propício para uma “nova” configuração ao lugar que sai de sua rotina para viver um tempo festivo, e se torna um “produto da realidade social [...] seus conflitos, suas tensões, suas censuras, ao mesmo tempo em que atua sobre eles” (GUARINELLO, 2001, *apud* BEZERRA, 2007).

3 O SAGRADO SIMBÓLICO: UM CAMPO INVESTIGATIVO EM DISCUSSÃO

Atualmente o mundo representado pelas subjetividades ganhou corpo teórico na geografia a partir de enfoques que tratam dos espaços de vivência, de experiência e de representação, sobretudo, as simbólicas.

Em termos de concepções teóricas, o sagrado é entendido como forma e conteúdo de uma determinada cosmovisão e de seus eventos nos diversos planos subjetivos e objetivos, localizando-se entre a racionalidade dos materiais simbólicos e a irracionalidade do sentimento religioso.

A partir disso propomos que é possível entender as festas católicas populares, no nosso caso, a Festa de São Domingos, a partir da dualidade da dimensão religiosa: de um lado, a vivência dos entes religiosos vai construir um espaço sagrado, carregado de sentimentos religioso e devoções e, de outro, entendido como entorno, mas em oposição, o espaço profano, das barracas, das bebidas, das danças, dos corpos.

As festas religiosas católicas propiciam a ocorrência dessa dupla espacialidade que se funde e se mistura em determinados contextos espaciais e temporais. As festas dos santos padroeiros se constituem numa intrincada representação simbólica de tempos e espaços sagrados e profanos. O espaço da festa se traduz na convergência e na coexistência de múltiplos significados produzidos pelo ser religioso.

Para Eliade (1999), toda festa religiosa constitui a reatualização de um acontecimento sagrado que se originou em um passado mítico. A vivência da festa religiosa permite ao ser uma breve saída do tempo e do espaço profano e a sua admissão nas dimensões que assinalam os sentidos míticos sagrados.

3.1 A Festa de São Domingos

Uma das práticas culturais da comunidade de Pinheirópolis é a festa religiosa em homenagem a São Domingos, um evento sagrado vivido desde 1966. A valorização da religião ou da espiritualidade como um fenômeno pertencente à sociedade humana, é tão antigo quanto a existência dos homens, reflete as condições da existência humana e suas aspirações e o festejo de São Domingos constitui uma dessas práticas.

Figura 2: Foto de São Domingos 2018



Fonte: Acervo pessoal de Fernando Cardoso, 2018.

Para alguns moradores da comunidade, festejar São Domingos é manter viva a fé que seus antepassados tinham no padroeiro da comunidade, é buscar uma benção e saber agradecer, é momento de renovar a fé para enfrentar as dificuldades da vida. São Domingos representa para os devotos da comunidade um protetor que guia as famílias e a comunidade.

A Festa de São Domingos movimentava a comunidade no mês de agosto, com novenas, quermesses, bingos e leilões na porta da igreja.

Figura 3: Foto das prendas da festa em 2018.



Fonte: Acervo pessoal de Fernando Cardoso, 2018.

Durante a festa alguns ritos e atores são muito importantes: no sétimo dia acontece a coroação do Capitão do Mastro, no oitavo dia a coroação da Rainha e no nono dia a coroação do Imperador.

Para os católicos, o mastro relembra a passagem da história do nascimento de João Batista e da fogueira de Isabel. No entanto, historiadores acreditam que o ritual do levantamento do mastro é a forma de festejar a fertilidade e comemorar a abundância de alimentos.

A coroação da Rainha que representa o reconhecimento da corte portuguesa, e a coroação do Imperador representa o Rei cuja responsabilidade é promover e cuidar para que tudo se realize em ordem, incentivando, garantindo fundos, mobilizando a população nos afazeres da festa.

Figura 4: Foto da Rainha, Capital do Mastro e Imperador 2018.



Fonte: Acervo pessoal de Fernando Cardoso, 2018.

No início e por muitos anos, nesse período, os festeiros ofereciam um banquete regado a muito bolo e refrigerantes aos convidados e, em seguida, a festa era regada de muita Sússia e forró nos barracões de palha construídos pelos responsáveis pelas festas: o Imperador, a Rainha e o Capitão do mastro.

O encerramento da festa se dava com uma missa no dia 8 de agosto pela manhã, o dia do santo. Nesse dia, pela manhã, se escolhiam os novos representantes da festa do ano seguinte e à tarde acontecia a derrubada do mastro com a presença dos escolhidos do próximo festejo, cabendo ao Capitão do mastro que foi escolhido pela manhã, a responsabilidade de servir um banquete para os convidados.

Nestes tempos o festejo envolvia toda a comunidade, cada indivíduo contribuía com o que sabia fazer as relações e os sentidos atribuídos pelos participantes da festividade, eram expressos de maneiras distintas. Isso pode ser percebido na fala de uma moradora, participante da Festa desde muitos anos, evidenciando algumas mudanças:

“O festejo era um evento que envolvia toda a comunidade, por exemplo: começava o novenário, sendo que todos os dias os participantes organizavam os leilões para vender seus produtos. Às vezes tinha festa, era diferente daqui, aqui temos os três dias de festas com

quermesses, leilões, bingos. Apesar disso é uma coisa fria, não é como lá, quando se falava: é festejo, já vinha aquela alegria, todo a comunidade se preparava para festejar os nove dias de novenário, os familiares que moravam longe vinham para festejar nessa época, era uma alegria que contagiava a todos, não vejo esse entusiasmo da comunidade atual, aqui mudou muita coisa, por exemplo: quando começava o novenário tinha súpica após a missa nas casas dos moradores, aqui quase não se tem nos últimos dias de festa, sem falar que atualmente não se acha mais foliões por aqui, tem que vir de fora e tem que pagar para alguns compor a folia. Outra coisa é que muitas famílias festeiras não estão mais fazendo os bolos da festa, como antes, que eram feitos nos fornos de lenhas, estão encomendando nas panificadoras. Ninguém se junta mais para fazer os bolos. A festa é realizada no centro comunitário da comunidade e as barracas são tendas, não se pode ter, mas barraquinhas de palha e passaram a se cobrar para entrar na festa”(Marinalva Cardoso Alves).

Percebem-se muitas diferenças do festejo de São Domingos: antigamente, quando chegava o mês do festejo, a comunidade ficava alegre e sempre disposta a ajudar de qualquer forma e as barracas de palhas montadas para a venda de bebidas e comidas eram feitas e administradas pelos próprios moradores. Nesse período, a igreja, através do seu padre, incentivada essa participação. O salão da festa também era construído de madeira e palha pela própria comunidade. As famílias se reuniam para fazer diferentes biscoitos que seriam distribuídos durante a festa, fato que se perdeu ao longo do tempo e nos dias que antecediam a festa, após a novena, eram realizados bingos e quermesses para arrecadar dinheiro para a realização da festa.

Era realizado um campeonato de futebol entre times de outras comunidades e também da cidade de Porto Nacional, momento em que um boi era abatido e realizado grande churrasco a noite para todos os participantes.

Outro fato que contribui para a pouca participação dos moradores na organização da festa e mesmo nas barracas, é a conversão dos católicos para religiões pentecostais ou neopentecostais. Os poucos católicos e devotos de São Domingos, moradores mais antigos, não se sentem tão motivados para isso, considerando que os jovens da comunidade não demonstram interesse na continuidade da festa e nem envolvimento na sua organização.

Hoje a igreja aluga e cobra o ponto da barraca e, por isso, são poucas as barracas de vendas de pessoas da comunidade. Muitas vezes, as poucas que existem são de pessoas de outros locais ou mesmo de comerciantes de Porto Nacional. Além disso, o corpo de bombeiros não permite mais as barracas e nem o salão de palhas e existe uma comissão da igreja que é responsável por toda a estrutura. A Foto 1 apresenta uma imagem da igreja e da estrutura em ferro e lona das barracas e do salão de festas em ferro e lona.

Os bingos e quermesses, que eram realizados durante as novenas, foram estendidos também para os dias de festa, como forma de arrecadação de dinheiro para a igreja. Percebe-se uma mudança de foco da festa, que deixa de ser espiritual ou religioso tornando-se material. Percebe-se que o controle da festa saiu das mãos da comunidade e foi para os cuidados da igreja, que passou a controlar

todos os momentos. Talvez este seja mais um fato que contribua para o desinteresse da comunidade em se envolver com os preparativos da festa.

Atualmente o campeonato de futebol não é mais realizado e tampouco o churrasco é oferecido aos participantes da festa, sendo que apenas os biscoitos são distribuídos.

Dos elementos que permanecem na festa, desde o começo, é a decoração do pau do mastro, porque para decorar são permitidas apenas três mulheres da comunidade, que precisam se manter na função até o fim da vida e, por isso, essa tradição está ameaçada.

Figura 5: Visão aérea da festa em 2016.



Fonte: Acervo pessoal de Fernando Cardoso, 2016.

O rito religioso está nas novenas e missas em louvor ao santo, sendo que as novenas iniciam quatro dias antes da festa, que se realiza sempre no primeiro domingo do mês de agosto e as missas acontecem todos os dias da festa. No último dia de festa, logo após a missa é realizado o leilão, também como forma de arrecadação de recursos para a igreja. Um evento que foi incorporado à festa nos últimos anos foi a Alvorada no primeiro dia do novenário, quando os devotos se reúnem à frente à igreja as 5 horas para fazer uma caminhada pelas ruas da comunidade, entoando cânticos e rezando o Pai Nosso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A festa religiosa de São Domingos em Pinheirópolis, no município de Porto Nacional, é vivenciada individual e coletivamente, por meio de experiências que se exprimem com a ocorrência do rito religioso, permitindo aos devotos atos de fé e manifestações durante as cerimônias festivas.

Nas festas de santos católicos, como esta que analisamos, a materialidade e a espiritualidade estão presentes tanto no espaço sagrado quanto no profano, embora com pouca representação. Quando uma festa tem a tendência de evidenciar apenas um dos lados, ela começa a passar por mudanças muito significativas que podem levar ao seu desaparecimento ou estabelecimento de outros sentidos para os locais de festividades.

Quando o controle da festa saiu das mãos da comunidade e foi para os cuidados da igreja, percebe-se que o interesse das pessoas na participação dos preparativos da festa diminuiu, e quando não se sentiram pertencentes e envolvidas como sujeitos da festa, sentiram diminuída sua importância para a igreja, fato que pode ter contribuído para o desinteresse e na própria religião, levando muitas pessoas para uma mudança de credo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda. Geografia Cultural: contemporaneidade e um flashback na sua ascensão no Brasil. In: MENDONÇA, F; LOWEN-SAHR, C.L; SILVA, M (orgs.) **Espaço e tempo. Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba. ADEMADAN,2009.
- BEZERRA, Amélia Cristina Alves. Cidade, festa e identidade em tempo de espetáculo. In: GONÇALVES, C. U.; NASCIMENTO, F. R.; ARRAIS, T. A. (org.) **Itinerários geográficos**. Niterói. EDUFF, 2007. p.171-189.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia Cultural: Introduzindo a Temática, os Textos e uma Agenda. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 9-18.
- D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Diversidade e Identidade Religiosa: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade-GO**. 260 f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Estudos Socioambientais, UFG, Goiânia, 2010.
- DI MÉO, Guy. **La Géographie em Fêtes**. Paris, Ophrys, 2001.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo. Martins Fontes, 1999.
- WAGNER, Philip L.; MIKESELL W. Mikesell. Os temas da geografia cultural. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 27-61.